N.º 172 (4.º)—(294)—6.º ANNO Sabbado 28 de Fevereiro de 1914—Preço 2 cent.

Semanario de caricaturas a côres, critico e humoristico

Propriedade da Empresa do jornal **O Zé**

DIRECTOR E EDITRO

Estevão de Carvalho

SECRETARIO DA REDACÇÃO

Arlindo Boavida

Composto, Impresso e Gravado:

Nas Officinas Graphicas do jornal O Zé

Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º

Successor do jornal O XUÃO Redacção e administração, Rua do Poço dos Negros 81

Restos do Carnaval!

COM A MASCARA CAHIDA!

DE RELANCE
CHRONICA

Para os bons catolicos que nós sômos, subditos fidelissimos de S. S. Pio X. auctor da Furlana e outras dansas *immoraes*, entrou agora a santissima quadra do anno em que, livres do regabófe e da pandega annual, vamos procurar na absolvição dos peccados cometidos o alivio á nossa alma contrita.

E, ora que o Separado parece em via de se chegar de novo á sociedade portugueza, trazido pela mão do seu antigo amigo e conhecido do quadro do Grandella, Bernardino Machado, não será dificil obter-se a absolvição de termos na entrudada porca que passou mandado á parte onde ninguem vae, os nossos inimigos, posto *rabos* aos amigos, esfalfado uns cobres n'uns bailes de mascaras com dominós *obnoxios* que nos fazem cocegas ao dansarmos o... Tango argentino.

As cinzas, a paz, o prego!

Tudo volta á sensaboria universal, volta-se ao Carnaval diario afivelando-se a mascara das conveniencias! Vem a paz, veem os *côcos* de novo á luz do sol tranquillos e vem o *prego* para de novo se lá ir por qualquer conta que pague o dinheiro consumado na folia enorme... d'uma fiança do governo civil por causa d'uma *pinha* rachada no baile do Republica!

A Egreja então abrindo os braços seráficamente, piamente, acolhe a si todos os peccadores e dá-lhe um bilhete reservado para os logares do ceu, destinados aos martyres da... pandega carnavalesca.

A Egreja que ha 3 annos se encontra de relações cortadas para com o velho Portugal, retirada dos empregos publicos e das pensões do Estado, começa a piscar os olhos na espectativa de, burilada as arestas da lei da separação, ella possa, mão aqui, pé alli, ir tomando de novo o seu logar nos destinos da nação!

A Egreja dá *Te-deum... Missa cantada, Lausperenne!*

O pápa manda telegrama a. p. O Senhor Cardeal Netto, patriarcha de Lisboa recebe n'esse dia em S. Vicente! O Padre Mattos volta, o Bispo de Beja recebe. Os fieis rejubilam!

*

Meio dia. Caza cheia. O incenso dos brazeiros, o fumo das tochas, myriades de luzinhas tremulas nos altares fumegando, enchem todo o templo d'um fumo acre d'uma attmosféra pezada e perfumada. E' dia grande para os devotos. Todas as irmandades convoçadas pelo *sumo pontifice*, n'uma cadeira de espaldar afagando a pera branca, vão tomando os seus logares no côro, para entoarem seus canticos, e a ladainha solemne do preito ao Senhôr.

A festa a S. Bento!!

Rejubila a egreja de fieis, na ancia d'uma comunhão espiritual. O altar mór está enfeitado de flores... de retórica, e palmas... de loureados.

Atabafa-se. Vae começar a festa! Em latim do melhor, o priôr, calvo, olhos negros, barba branca, sorrizo cordeal e divino diz a missa, ajudado pelo sacrista Affonso! Depois vem a Ladainha. Todos os meninos do côro das diversas irmandades, apertam as guellas para a função. Os irmãos de S. Roque, ópa vermelha junto do altar mór olham zangados e abonecados a festa. Ao fundo sobe a entrada do templo os irmãos de S. Sebento de opas cizentas, e no côro, á direita a irmandade de Nossa Senhora da Evolução de opas azues e brancas, apertam-se tambem para a ladainha.

Embaixo no altar mór, o priôr regonga:

— Santo pennacho..

Dizem os de S: Sebento em côro

— São... venha a nós!

Volta o mesmo priôr na capella mór, com seu olhar esperto e seu sorriso beatico:

— «Santa Anna...stia!»

— «Orae por nóbis«! — diz a malta dos fieis... monarquicos.

— «Santas eleições...»

— «Valha-nos Deus» — diz a irmandade do Chiado, em grossa desafinação!

— «Santo Super... Havit!»

— «Nosso santo e senhor!» — hululam os irmãos de S. Roque!

— «Santos empregos... chorudos!»

— «Venha á nós ao nosso reino!» — Dizem de S. Sebento.

— «Santa Asneira.»

— «Valha no S. Bento!» — dizem os do Chiado!

— «Santo Se Nado...»

— «Amen Jesuz!» — murmura baixinho o sacrista Affonso.

— «Santa Barriga!»

— «Orae por nobis» — dizem todos!

Depois da Ladainha houve sermão pelo reputado prégador... de martyres «S. João de Freitas» canonizado em escandalos. Subiu ao pulpito e fallou da salvação da alma das tentações de Mefistópheles da Costa, dos milagres de S. Antonio Zé que pregava aos peixes e agradava aos peixões!

Houve em seguida o summo sacrificio de Lavapés ao Senhor da Bica, e depois um côro de 11 mil virgens, todas de branco a espalhar flôres em volta de nossa senhora santa rainha de França... Borges!

Eram 4 horas da tarde quando junto da Sé paravam os trens em busca da selectica sociedade que assistira ao *té-deum* por graças da abertura do Limoeiro e Penitenciaria, vendo-se n'elles tomarem assento as melhores familias da nossa primeira sociedade até então veraneando nas prizões do paiz.

A policia do local era feita sob as ordens do chefe Cassiano, não tendo havido prisões pessoaes a lamentar visto se tratar d'uma festa á... soltura.

Nos dominios do boato religioso corre com insistencia que, logo que seja revista a lei da separação haverá nôvo *te-deum*, com grande instrumental; ladainha e serviço da afamada casa *Marques* do Chiado.

E assim se inuangurou o novo ciclo religioso em Portugal, comemorando a lei da amnistia... em dozes para adultos, e festejaram as cinzas, do... fôgo do enthusiasmo pelo Carnaval pinderico!

F. de T.

A nação aclama-o

O Mundo diz quea nação inteira aclama o nosso marquez. Sim senhores, isso é verdade. A prova está nas manifestações que o sr. Affonso tem recebido, tendo até a sua casa guardada pela força republicana.

Aos nossos leitores

Bem contra nossa vontade, fomos forçados a publicar o presente numero fóra do dia vulgar, mas, de futuro continuará ininterruptamente ás quintas-feiras.

Musa da Liberdade

ESCRAVA, REVOLTA-TE!

(Para a Suzana Quintanilha, companheira de lutas)

Mulher! Bendito sól a refulgir ternúras!
No mundo a suavisár, ao homem, mil agrúras.
Que pela vida agréste e ascorósa pássas
Em sorrisos d'amôr, deslúmbrante de graças:
Eu véjo em ti o bem, a ideia encantadôra
Que me arrebáta, e tráz o despontár da auróra
Do risônho Porvir que anceio e tánto adôro!...
—Se tu chóras. mulhér, contigo tambem choro...
E se contente ris, num riso satisfeito,
Como sinto fremêr o intimo do peito!...
Uma serêna lúz sádia d'alvorádas
Me tórna a mente em cháma e léva as barricádas...

Mulhér: Bendito sól cheio d'alacridáde!
Cúmpre a túa missão e sálva a humanidáde
D'éste vivêr selvagem...
E aos pópres lutadôr's dá-lhes maiór corágem.
Afága com teu olhár os párias desditósos,
Que arrástam, sem cessár, os ímpetos raivósos
Do Estado, do patrão, chorando amárgamente...
E rúge como nós, lamenta como a gente!
Que no dia em que tú, quál andorinha sôlta,
Te lançáres, enfim, nas ansias da revólta
Hade ruir o mál, como um vulcão em láva...
E' livre a terra, o ár, a áza; e tú, escráva!

Mulhér: Bendito sól pelo ceu procelôso
Dêste vivêr infliz e triste e pesarôso,
Em vibrações de lúz!
Tu és na tua dôr, mártir como Jesús!
De ti depende o bem p'ra tôda a humanidáde.
Ergue-te pois, mulhér, conquista a liberdade,
Num grito bem profundo,
Que vibre em todo o mundo!
E nêsse gésto audaz, d'aspirações formósas,
Semeia pela terra amôr e pão e rósas...
Prescrúta a naturêza e as canções dos ninhos:
Como causam invéja os livres passarinhos!

Mulhér: Bendito sól a transbordar d'amôr!
Irmã do produtôr
Que em lagrimas na vóz, sulcando a terra dura,
Tu vais acompanhando em sua desventura.
E' já tempo! soou a hora prometida.
Acorda do torpôr, desperta para a vida,
Ao écoár do clarim das hostes sociais!
Vai surgindo o Amanhã nuns risos virginais!
O óceáno altéra. Enquanto oscila a térra,
Paira pelo ár um cantico de guerra...
E a águia da Razão, entre rubros clarões,
Já despedáça a cruz, as leis e os grilhões!...

Mulhér: Bendito sól que nos aquêce a alma!
Ampára-nos na dôr desta ezistencia incalma,
Que nos dá p'ra bebêr venênos de Locusta...
Assim formósa, augusta,
Mil cóleras no olhar, na bôca a maldição,
Esmága a convenção!
Há! ri do preconceito,
Vivendo a vida livre e sã a que tens direito.
E cheia d'altivêz, diz aos núlos burguêzes:
— O málho ao produtôr; a terra aos camponêzes!
Os homens deixarão de sêr as brútas féras.
E o mundo ha-de florir em róseas primavéras...

Mulher: Bemdito sól, alma da rev'lução!
Com o teu bom sorrir é mais branda a opressão,
Sentimo-nos melhór e têmos mais coragem.
Anda lutár com nós, contra éssa vilanágem
Que nos lança a prizão e fére a cáda pásso..
O pão é tão escásso!
Solúça a liberdade; e o póbre sofredôr
Já mal póde aguentár a cruz da sua dôr!...
Mas tú escravizáda:
Érgue-te com ardôr, consciente, denodáda,
Como um heroi antigo em peléjas d'atleta,
Que eu te celebrarei em cantos de poéta!

Pôrto, 1914. *Salvatérra Júnior.*

Carnêt d'um maduro

Cinzas

Pó, terra e nada... E o humilde varredôr na sua honesta faina destróe nas ruas os ultimos vestigios carnavalescos.

A mocidade nas suas ocupações escabeceia, palida e somnolenta, amaldiçoando e bendizendo simultaneamente o folião Entrudo.

E o nosso «Pierrôt» que uma semana antes tinhamos visto alegre e irriquieto, espreguiça-se triste e aborrecido.

Interrogando o passado, lembrando-se d'aquela delicioza figura que o inebriara durante uns rapidos momentos, ao som d'uma valsa saltitante e amoroza, é sempre a saudade quem lhe responde, quem lhe faz recordar os instantes de delicia que «Pierrôt» estonteante de alegria, enlaçara nos seus braços, essa mascara mysterioza, cujos olhos (a unica coiza que lhe era dado ver) imensamente lindos o tinham apaixonado.

Tudo se foi, e o Tempo na sua carreira vertiginoza e desesperada, levou na enxurrada mais tres dias que o infeliz folião desejava que fossem eternos.

E adormecendo, um sonho fál-o ver a sua figura cheia de vida e alegria, rindo e chalaceando por entre uma enorme multidão de esturdios, que, como elle riem e divertem-se.

Depois, a mascara negra, a valsa cheia de entusiasmo que o fez vibrar junto á mysterioza personagem que elle não consegue esquecer, emfim, um encadeado de coizas bellas que revê num sonho encantador.

Quanta significação não tem ás vezes uma inocente cartonagem arremessada por umas mãos setinozas e acompanhada por uns olhos rizonhos?

Quantas esperanças não vão juntas a um ingénuo saquinho de confetis que um folião amorozo destina ás mãos delicadas d'uma dama que elle cubiça?

Quantos corações não vão escondidos entre as folhas perfumadas d'um raminho de violetas?

Alegria, vida, animação, folia, eis o que representa o Carnaval.

Tristezas, saudades, dôces recordações eis o que symbolisam as Cinzas.

Pevide sem Felix

Na bilheteira de um theatro

Apresenta-se um individuo com um bilhete de um jornal. Segue de um canto um malcreadão a dizer que o bilhete é dele, alegando ser filho do director do jornal, o que não era verdade. Resultado: o intruso entra no theatro sem bilhete e a pessoa que o tem, não pode entrar. Isto passou-se na rua Nova da Trindade.

Almanach do jornal "O Zé"

Um elegante volume illustrado com 20 tricromias e inumeras caricaturas a uma côr. Preço 20 centavos (200 réis.

Pedidos á administcação d'este jornal

Rua do Poço dos Negros, 81

Chiado Terrasse

Continua este «cine», dando todas as noites, os melhores «films», tanto em dramas como em comedias.

Magnifico sextetto. «Boas muchachas» e grande concorrencia.

ILLUSÃO!

Agora, sim, oh! *Zé*, vaes ser ditoso,
a vida passar muito contente,
pois o governo tem por presidente
o Bernardino, o puro, o venturoso.

Não mais lerás artigo rancoroso
n'esses jornaes de vicio maldizente,
como *Nação, Thalassa* impenitente,
Mundo, Lucta, Ridiculos teimoso.

Agora, sim, oh! *Zé*, vaes ter amor,
justiça, luz, progresso, egualdade,
a paz do lar, socego ao teu labor,

amnistia geral, fraternidade!...
Mas... não! Vês a Politica, *o estupor?*
Vem-te dizer: — E' falsa, a Liberdade!!

Vid'alegre.

Armenio Cruz

Empregado antigo da Empreza Animatografica e hoje Companhia, Armenio Cruz abandona para sempre o labor das fitas para ir procurar um futuro mais brilhante na Africa.

Parte no proimo dia 1 para o Lobito, onde vae tomar posse de um logar n'uma das mais importantes roças d'aquellas paragens.

Leva de cada colega um protesto de longa amisade, e uma saudade bem sentida, junt com votos de um bello futuro.

Vinicio.

A um côxo

(O LIXEIRO DO BAIRRO ALTO)

Sua perninha garota
Quando vae a passeiar,
Todo se saracoteia,
Vae sempre a dar, a dar, a dar.

Encostado á muleta,
A que elle chama bengala,
Faz graciosa careta
Que faz rir... até regala!...

N'uma alcova confortavel
A tocar um barimbau,
O côxo bebeu dez litros
C'um cestal de bacalhau!...

Foi tamanha a piéla
Que dormiu uma semana!...
E em doce sonho gritou:
— Põe-te a geito, Marianna...

Elle sonhava em delicias,
Mas eis que surge a verdade:
—Ha uma grande differença
Do sonho á realidade...

J. Jacques.

A quem competir

No dia 3 de fevereiro, seria uma hora depois da meia noite, encontrava se ali no largo de S. Roque, uma rapariga sentada num portal, chorando as suas desditas. Passaram alguns individuos e inquiriram da mesma, qual o motivo das suas lagrimas. Declarou que não tinha para onde ir dormir. Contou a sua Odisseia e por ella vê-se que as autoridades continuam e ser um dos principaes concorrentes ao fornecimento de mulheres para a montureira da prostituição!

Contou a pobre rapariga que estava havia pouco tempo em Lisboa, para onde veio a servir.

Desencaminhada por qualquer individuo, a policia apanhou-a e não esteve com meias medidas.. Semmais ceremonias meteu-lhe o livrete na mão!

O procedimento das autoridades é censuravel, sob todos os pontos de vista, pois emquanto vai arrebanhando para a legião das desgraçadas pobres raparigas ignorantes do meio pôdre em que se vive n'esta cloaca imoral que se chama Lisboa, passeiam pela cidade legiões de borboletas enchapeladas, enluvadas, emplumadas, engraixadas, empoupadas, brunidas, pintadas e caiadas, que exercem descaradamente a prostituição e no entanto, não teem o livrete, alegando muitas que teem na policia amisades protectoras, facto que não atestamos, mas que tambem não podemos desmentir.

E' certo que na policia ha homens serios como os póde haver menos escrupulosos e em tempos idos a imprensa constatou factos de que alguns agentes não só protegiam essas mulheres, como até delas recebiam favores monetarios e outros!

Facil se poderia averiguar, como é que alguns agentes, sabida a insignificancia dos seus ordenados, se apresentam com correntes grossas de ouro e aneis com pedras cáras, etc...

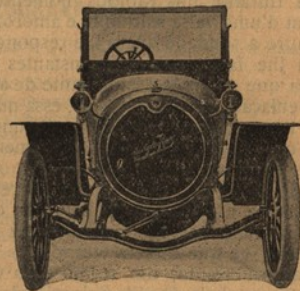
Este facto foi-nos sugerido por um leitor de *O Zé*, que nos fez revelações que não trazemos para á luz da publicidade porque este jornal não é proprio para campanhas de moralidade, mas mais para chuchar com os politicos, com as autoridades e meter a ridiculo esta sociedade composta de comidos e de comedores...

Jean Jacques.

Que ninguem compre outro almanach que não seja o nosso.

Biologico tirano

Parece que os homens do Centro Dramatico da Regaleira, desde que teem por chefe o sr. Afonso, todos comem só figados de leão e de tigre. O sr. Rodrigues (em duplicado) mandou pôr em 5 d'outubro um colete de forças com outro sopreposto a José Augusto da Silva, fazendo-o estar enclausurado 30 dias! Comia como os cães e abria a torneira da agua ás marradas.

Este sr. Rodrigues, biologicamente falando, quando mandou cometer tal barbaridade, havia almoçado figados de cão danado, com certeza.

Confraternisação a fingir...

Da *Republica* de 12 do corrente.

«E' politica de *confraternisação nacional* deixar de pé todas as macabras conspiratas que os partidarios do sr. Affonso Costa fomentaram e executaram»?!

Então se foram eles que fomentaram e executaram as conspiratas, é de justiça que substituam nas prisões aqueles que para lá atiraram!...

Salão Loreto

Como sempre, boas casas, o que não admira devido ao seu escolhido programma. Fitas falladas do melhor gosto.

Almanach do jornal "O Zé"

O unico n'este genero. Preço 20 centavos (200 réis).

Pedidos á administração d'este jornal.

O sr. Rodrigo

Se as acusações que se fazem a este homem são verdadeiras e as autoridades o não prendem, já, já, como criminoso, o sr. Rodrigo não pode nem deve continuar á testa da penitenciaria como director...

Bem sabemos que ha invejosos e caluniadores e o sr. Rodrigo pode estar mais puro do que São Daniel, outro pobre tambem acusado de coisas...

A primeira vez

(Conto á la minute)

O Luiz padecia de agua na cabeça. Quando petiz esse mal terrivel assaltara-o, de forma que tendo já a modica quantia de 12 annos vivia debaixo das saias d'umas tais velhas que o educavam e alimentavam. Casto e virgem apenas conhecia a santissima religião, os casamentos misticos da fé e da S. Madre Egreja, saindo aos domingos com as tias para ir ás egrejas, ás missas, aos lausperennes á Penha e ao Senhor dos Passos á sexta-feira; tinha em casa os paramentos d'um padre que envergava para brincar com os outros petizes visinhos! Ninguem lhe dava 12 annos, tão enfezado e tão má côr trazia.

A ajuntar á educação que lhe deram Miquilina e Quiteria,as tias, duas outras senhoras, velhas como a Biblia, residentes para a Esperança, irmãs desde pequenas, ambas tinôcas, meias surdas, e ambas gostando do pequeno, levavam-n'o frequentemente para casa e lá lhe ministravam nova dóze de catecismo e religião.

Luiz, vivia satisfeito, desconhecendo a vida, o pecado, entregue aos mimos quer das duas manas coxas, quer das suas tias amigas e e carinhosas!

Os annos porem passam e um dia viu n'um almanach uma figura de Venus despida... de preconceitos o mais que se pode uma pessoa despir. Luiz, a quem a inteligencia não falhava, ô que estava era atrofiada, notou a auzencia de qualquer coisa que tornasse aquelle corpo egual ao seu. Perguntou ás tias e isso valeu-lhe... ser severamente reprehendido e ameaçado de não tornar a comer doce ao jantar.

Callou-se. Mas... aquillo ficou-lhe como um veneno immenso a roer lá dentro, a minar.

Não tinha a quem se dirigir a perguntar o misterio que até ali lhe queriam occultar, mas de noite na sua cama perguntava a Deus porque não o fazia digno de comprehender e saber tudo que as pessoas grandes sabiam!

O inevitavel porem tinha de surgir. Em casa das taes senhoras coxas que moravam para a Esperança elle entabolou relações com um garoteco de 10 annos mas esperto como um rato! Foi a sua salvação e deu-lhe no seu reconhecimento o logar de melhor e unico amigo!

Com a proficiencia d'uns 10 annos ladinos, o outro explicou-lhe os altos fenomenos naturaes, e ante a duvida pasmatica de Luiz refutou a existencia d'uma industria de condessinhas com meninos... de França!! E explicou-lhe o melhor que podia!!

Luiz sentia-se abysmado! Que torrente de ideias novas se lhe abriam no cerebro! Oh! Mas... não ficou por ahi o seu estupefacto espirito. Em segredo, em maxima conspiração com o outro, em varias visitas amicaveis e lisongeiras para as manas coxas, ficou assente que um dia, logo que o acaso se favorecesse iriam visitar uma moreninha d'olhos negros, cabellos negros, que o amigo estroina via dizer-lhe adeus quando passava por lá, para ir para a escola!

Luiz teve mêdo.

Luctou entre o dever e a necessidade. Tinha medo quando em casa sentiu aproximar o dia fatal do *consomatum* d'um crime de traição ás santas predicas de suas tias velhas. Sentia pavôr julgando que todos lhe leriam na cara, depois, a sua enorme vergonha d'uma falsidade e d'um acto desesperado, Mas... no dia proprio, combinado com o seu maior amigo, elle lá foi, enganando as tias com uma falsa vizita a casa das bondozas senhoras côxas.

O amigo esperava-o já n'uma esquina de cigarrilha na bocca, com um superior e um *homem* habituado aquelles destinos da vida! E elle explicou ao Luiz que não fosse acanhado... antes pelo contrario se atirasse. Ria e incitava. E... foram.

Depois á volta, ainda tonto do sorrizo benevolente e trocista da Esperança, assim se chamava a moreninha, elle gabava estupefacto ao amigo todas as delicias porque passára n'um instante que fôra uma vida!

—Que braços! Que peitos e que coxas... que coxas meu amigo!

Sentiu-se apaixonado, febril, queria não voltar para casa das tias velhas mas ainda aqui foi o conselho sapiente do amigo que valeu ao Luiz!

—Vae não sejas parvo! Pareces um petiz!

Quando porém, transposta a porta da escada ia a bater á campainha, mais nma vez se receou, empalideceu, tremeu que se lhe notasse na cara, no cheiro, o crime, o vicio d'onde vinha; teve vontade de chorar, de fugir. Cobrado animo, bateu. Era exatamente a tia Miquelina quem vinha á porta!

—E's tu já, Luiz?

—Sim tia. Sua benção!!—Mas o que elle queria era fugir, estar sósinho; sentia-se incapaz de fitar de frente a tia, pezava-lhe o delicto! Depois veiu tambem a Quiteria.

—«Então, foste lá?»

E Luiz tão longe de tudo que não fosse as horas passadas nas convulsões d'uma estreia ficou a olhar para as tias sem nada dizer!

—«Sim, falla palerma. Foste ás senhoras coxas, á Esperança? Estavam lá, falla, anda; parece que viste bicho!»

E desfalecido, temendo a todo o minuto que se lhe lêsse a verdade nos olhos, Luiz murmurava.

—«Fui á Esperauça, fui! E vi as coxas... vi!...»

E intimamente: «que coxas... que coxas!»

F. de T.

A SOMBRA SINISTRA!

A Amnistia deu-lhes a Liberdade... mas amanhã, os julgamentos...

A decadencia do entrudo manifesta-se de uma forma, tendente á sua extincção...

Dizem muitos individuos, com autoridade no assunto, que entre nós, o entrudo, se tem civilisado. E' possivel. No entanto, não podemos conceber, que o entrudo se civilise, quando é certo que entre nós a civilisação ainda não atingiu as classes populares.

Prova-se este facto, pelo que todos observamos dia a dia: na linguagem entre as multidões, que não pode ser peor, mesmo em plena rua; o mesmo succede nos cafés, onde ha muitos gravatinhas que primam em proferir obscenidades, principalmente quando estão senhoras presentes.

Infelismente para o negocio, o tempo não tem estado bom; nem para os divertimentos publicos.

E' para lamentar. Mas mais pera sentir é que as ruas sejam percorridas por tantos imbecis, com a casa pintada e envoltos em ouropeis, verdadeiros trapos, que denunciam antiga opulencia e agora verdadeira miseria...

Nem só de pão vive *el hombre*, mas é para estranhar que alguem de animo leve, se lance no turbilhão da loucura, quando por toda a parte se vive uma vida cheia de dificuldades e a miseria bate á porta das classes trabalhadoras com todo o seu cortejo de horrores.

A's dificuldades da vida juntam-se outras coisas naturalmente originadas na crise de trabalho, no retraimento de capitaes, etc.

Os gorduchos merceeiros já esfregam as patas de contentes, com a gréve dos empregados dos caminhos de ferro.

E' isso motivo que lhes vem dar alento para aumentarem o preço dos generos. E não vem um raio que parta esses falsificadores de uma figa; os senhorios, essa praga maldita de *judeus usurarios*, por causa dos cambios, são capaz de aumentar a renda aos seus inquilinos.

Malditos sejam esses monstros de virtude, que, emquanto o Zé morre de fome, lhe esticam o pernil atascados em toucinho e cebo.

*

Segundo um mapa que o *Diario de Noticias* publicou em 22 do corrente, o Banco de Portugal tem em circulação mais de 103 mil contos em notas!

Esse augmento é na verdade sintomatico e revela que isto vai bem e nada ha que dizer.

Com franqueza, não ha no globo terraqueo um paiz mais feliz do que este.

A riqueza publica augmenta a olhos vistos.

*

Conta um jornal que no Souto da Casa (Beira Baixa) houve uma grande festa. Depois das foguetadas e de farta libação, o regedor *que tocava pratos no fungágá da terra*, prendeu o prezidente da junta da paroquia, e que este tambem por sua vez prendeu o regedor.

Estes dois typos são como os grillos, que se comeram um ao outro.

*

O que se passou no congresso, na sessão de 21, com respeito á amnistia, ultrapassa tudo quanto nos deu a monarchia digno de censura, durante 80 annos de constitucionalismo... Pena é que esse homem, cujo nome honrado o paiz respeita, se deixasse envolver na politica setarista do Affonsismo, que ha de ter um fim muito reinadio!

Referimo-nos ao sr. dr. Bernardino Machado, que toda a gente affirma estar illudido com o estado do paiz, e que—segundo dizem—não passa de uma capa a tapar as deslealdades, as tramas, as inconsequencias de uma politica de odios e de retaliações.

A politica do ultimo gabinete só espalhou o terror, só produziu odios; isso está mais que provado. Um leitor d'«O Zé» chama a nossa attenção para a carta do sr. Germano Martins, que é um dos principaes socios nos negocios de advocacia do sr. Affonso. Diz-nos que ella demonstra á evidencia que o sr. João de Freitas não accusa em vão!

O leitor fala com paixão politica, decerto... A amnistia, tal qual como está, foi um absurdo, mas um absurdo que põe em liberdade muitos reclusos, uns culpados, mas tambem muitos innocentes.

A tal commissão prisional, composta do Affonso, do Rodrigues, do Macieira, é tudo quanto ha de mais divertido.

Os srs. *Dramaticos* tem-nos dado uma medida exacta do seu fino criterio.

Elles divertem-se, mas a sua vez chegará, como geralmente chega a todos e um dia hão de tambem dançar no outro mundo...

Mas, voltando á tal carta, vê-se que a amnistia parece um negocio. Mas não é. E' apenas um acto de clemencia do bondoso sr. doutor.

O governo trahiu as promessas feitas, diz o sr. Pedro Martins; é mesquinho, segundo a opinião de João de Freitas, o accusador-mór do sr. Affonso; o sr. Antonio Granjo, cujo nome vale bem o do grande homem, diz que o prestigio da republica exige que os abusos da auctoridade não sejam amnistiados; o sr. Machado dos Santos ousou dizer que a amnistia, tal como o governo a pretendia, era uma infamia e pena é que o sr. Bernardino seja o responsavel por isso; o sr. Jacintho Nunes, cuja honradez é proverbial, classifica a amnistia de infame mercedoria coberta por um pavilhão honrado.

Mas, afinal, a amnistia sendo tudo aquillo, põe em liberdade milhares de pessoas e faz regressar ao seio da familia talvez cerca de 2:000 emigrantes politicos.

Os *dramaticos* approvaram-a com má vontade e n'essa obra, incompleta, vê-se o dedo *do que foi senhor de tudo isto...*

As restricções foram mal cabidas e demonstra á evidencia o grande patriotismo d'essa gente, que fez prender a torto e a direito, tornando irreconciliavel a familia portugueza...

Afinal, o sr. dr. Affonso Costa não é bom para edificar, mas sim para destruir, segundo nos affirma um leitor de «O Zé».

*

Em pleno regimen republicano dão-se casos que demonstram á evidencia que caminhamos n'um mar de rosas e que a abundancia de «massa» é um facto, uma realidade.

Ora pois!

Segundo rezam as gazetas, no Alfeite está um official de engenharia, que recebe a bagatela de 50 escudos, simplesmente para assistir ao córte de pinheiros!

Não ha muito que pelo ministerio da guerra foi mandado um official a Santarem para verificar a despeza de 4 escudos, que era exigida pelo governador civil d'aquella cidade.

Exigem ao paiz sacrificios e afinal os dinheiros do Estado são gastos de um modo tão pouco util.

Os 50 escudos abonados ao referido official de engenharia são tirados do fundo da Defesa Nacional, para o qual muita gente concorreu patrioticamente.

N'estes termos, esse dinheiro sómente devia ser empregado na acquisição de materiaes para o exercito.

Mas, se nos tempos da *outra senhora* os officiaes do exercito andavam distrahidos dos serviços da sua especialidade, o que os republicanos condemnavam por immoral, hoje succede o mesmo, com grave prejuizo da sua instrucção profissional.

A' falta de commissões para lhes darem, agora são até nomeados para avaliadores de propriedade, sendo certo que não sendo essa a especialidade da sua arte, evidentemente não podem exercer esses serviços com o devido conhecimento.

Os contribuintes é que téem ainda por cima de lhes pagar a gratificação por taes serviços!

No nosso regimen com o caracter democratico, predomina o militarismo, mais accentuadamente do que em alguns paizes militaristas. Este facto está á vista, é palpavel e só o não vê quem é miope de intelligencia.

Os governos parece que não teem no nosso paiz magistrados para os cargos administrativos, quando é certo que as Universidades vomitam todos os annos centenas de bachareis.

Queremos o exercito eminentemente nacional e democratisado; queremos que os membros que compõem os seus quadros se dediquem unica e exclusivamente ao seu officio.

E' preciso que os quadros se completem e que naquelles que tem pessoal a mais, se restrinjam as promoções até ficarem com o numero de officiaes que legalmente são necessarios.

*

O sr. Daniel Rodrigues ex-governador civil de Lisboa de ominosa memoria, foi viver para a Penitenciaria, onde seu irmão director da mesma lhe preparou á custa do pais, alojamentes convenientes, devidindo a sua residencia em duas, para o que teve de fazer construir mais uma cosinha, uma casa de banho, etc.

O! isto é deles. Estamos como nos tempos da monarchia. Cada um faz o que quer.

Se o sr. Rodrigo não tivesse já um logar na Penitenciaria, não hesitariamos reclamar para ele uma cela.

Estão lá cavalheiros menos pecadores...

Jean Jacqesu.

Amnistia

Diz-nos um leitor que os presos politicos devem muito ao sr. Affonso Costa, pois que, a amnistia põe em liberdade milhares de pessoas.

Lá isso devem: 1.º, por muitos terem estado presos longos mezes sem culpa formada; 2.º, por se ter oposto a *ella*, pois se não fossem os srs. Antonio José e Machado Santos, não sahiriam agora das prisões esses milhares de presos. Como *elle Affonso* era o juiz, da oportunidade, esta viria a chegar para as kalendas...

Os presos politicos devem ao dito senhor o facto de estarem presos sem julgamento longos mezes. Em vista d'esta explicação, podem enviar-lhe o cartão de visita, agradecendo.

Fitas que passam

ANTONIO CRUZ

(AO SEU ANNIVERSARIO)

Amigo.

Não penses que a mocidade,
por cada dia que passe
não desperte uma saudade.

Ella sonha o desenlace,
uma illusão fulminante
cavando rugas na face;

Saudades de certa amante,
Um beijo que se perdeu,
Uma paixão excitante

que a mocidade esqueceu
para a velhice, depois,
recordar! O que sei eu!

Passa um anno, mesmo dois,
a vida já nos sobeja...
Oh! Vida! que fraca sois...

Quanta esperança viceja,
que o Fado mata, sorrindo,
e a morte, rindo, deseja?!...

Mais um anno, outro seguindo,
outro ainda... e mais não disse.
E a mocidade, carpindo,
lá vae buscando a velhice!

22-2-914. *Vinicio.*

O sr. Daniel

Toma as precipuas e o sr. Affonso, toma-as tambem por elle! Muito valentes são estes homens com as costas guardadas.

Já Hintze tambem as tomava.

Almanach do jornal "O Zé"

Um volume com 248 paginas, impresso em magnifico papel e ilustrado com bellas caricaturas. Preço 200 réis.

E esta!...

Um nosso assignante chama ao sr. Affonso Costa, *um genio, um talento, um grande estadista*, etc. Para se ser um genio é preciso que se seja Hugo, Napolião; para se ser um grande talento é preciso que se seja Zola, Pasteur, José Estevam; para se ser um estadista é preciso que se esteja á altura de um Clamanceau, de um Gladestone ou de um Z

Bebam a Agua da Curia

Fitas Comicas

Depois da Folia

Bisnagados por uma chuva impertinente, o alfacinha sensaborão, o alfacinha alegre e o alfacinha bruto, sairam para a rua nos ultimos tres dias de folguedo em cata de uma alegria que jámais existe, e buscando uma distração que jámais se apresentou em publico.

As avenidas cheias de uma gente embasbacada, esperando uma novidade para expandir o seu enthusiasmo ou um dito de espirito para desfechar uma gargalhada franca.

Nada apareceu. Sempre a mesma miseria, e este anno uma brutalidade nova: As seringas de *clisteres* (Sic!) substituindo as inofensivas. Reapareceram as cocotes de areia na guerra ao côco.

Pelos theatros pouca animação e nos cinematographos uma alegria a ... quinhentos réis por cabeça.

Na baixa o Central deu sessões variadas, não havendo novidade alguma na sua musica.

O Olympia apresentou o seu sextetto com uns bellos trages de cancassianos sendo notavel a formosura da sua soprano rapido Remartinez, e os solos de Loutrabaixo por Antonoff!

Uma novidade agradavel e que colocou o distincto grupo de artistas em primeiro plano.

Pelos outros salões o mesmo genero de espectaculo tempo serio!

E assim passou o Carnaval, rindo forçadamente por uma piada de ha quatro annos e fugindo da chuva misericordiosa, que bem comprehendeu a necessidade que esta gente toda tinha de chuva.

André Deed.

Modelo de gratidão

O sr. Antonio José acalentou sobre as suas azas o sr. Fortes, o sr. Faustino, o sr. Thomaz da Fonseca e outros. Estas toda a gente sabe que foram muito gratos com aquele que os colocou.

Das almas virtuosas, a grandeza é esta.

Almanach do jornal "O Zé"

Se quereis passar um bom boccado comprae este almanach que custa apenas 20 centavos (200 réis).

Estatuas de Lisboa

Camões

Um dia olhei de frente a estatua do cantôr
d'esse vate colosso egregio e imortal,
que teve um grande afeto, um estranhado amor
por esta linda Patria, o belo Portugal!

E vendo-o assim altivo, erecto, triumfal,
parecendo esboçar um gesto de valor,
tendo na dextra a espada intrepida e leal
e na sinistra a capa; eu grito com ardor.

Pareces, meu poeta, um ciclopico Bombita
que sente dardejar o olhar das multidões,
que te aclamam em grande e formidando grita,

o curro é o Chiado onde anda aos encontrões,
dos touros a manada – ó assombrosa fita—!
mas elles não dão sorte aos inclitos. . varões!

15-1-914 *Alentejano.*

O "Zé" no theatro

Republica — A's 21 — «A mulher do juiz»

Trindade — A's 21 — «Sua magestade diverte-se».

Gymnasio — A's 21— «Não largues a Amelia».

Avenida — A's 21 — «Casta Suzana».

Apollo — A's 21 — «Paz e União».

Rua dos Condes—A's 20,30 e 22,30 — «O 31».

Coliseu dos Recreios — A's 21 — A celebre companhia italiana Onofri, com a 4.ª representação do mimo-drama realista em 1 acto e 7 quadros «Coração de Hyena», e todas as attracções da companhia.

CINES

Trindade—Programmas novos todas as noites com a apresentação das fitas mais notaveis na cinematographia mundial. Concerto por sextetto de professores. Sempre apresentação de fitas de grande metragem.

Terrasse—Estreias consecutivas n'este cine elegante.

Olympia — Matinées ás segundas, quintas e sabbados com o celebre «Tango argentino». Todas as noites sessões interessantes e musica por um optimo sextetto.

Loreto — Fitas faladas e dramaticas com interpretação extraordinaria. Os maiores arrojos, as maiores audacias e temeridades se apresentam n'este cine.

Central — O preferido por quem se deleita com as ultimas novidades da cinematographia.— Sempre estreias é a sua divisa.

Remember — Grande champagne

UNS COMEM OS FIGOS...

Outros apanham tapona